

Meninos e um futuro menos machista: uma visão do Design para Mudança de Comportamento

Boys and a less sexist future: a vision from Design for Behavior Change

LAUXEN, Julia Mayer; Bacharel; Universidade Feevale

julia.juml@hotmail.com

SCHERDIEN, Ingrid; Mestra; Universidade Feevale

ingridscherdien@feevale.br

A rejeição a tudo o que é feminino começa desde a infância. A cultura machista opõe tanto a homens quanto a mulheres, fazendo-se assim necessário discutir sobre pré concepções vigentes na sociedade. Neste contexto, o objetivo geral do estudo é propor diretrizes que auxiliem no desenvolvimento de projetos de design para a educação de meninos, considerando um futuro menos machista. Para obter essas diretrizes, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental, que trouxe assuntos relacionados à masculinidade, ao feminismo e às metodologias de design aplicáveis ao assunto. Foram realizados, também, um questionário com pais e mães de meninos, entrevistas com especialistas e um workshop para determinação das diretrizes de projeto, que se resumem em: projetos educativos tanto para as crianças quanto para seus responsáveis; ter como público a primeira infância; ter uma linguagem neutra. Com base nisto, foram propostas algumas ideias iniciais de futuros projetos.

Palavras-chave: Machismo; Gênero; Educação.

The rejection of everything that is feminine begins from childhood. The sexist culture oppresses both men and women, and to change that, it is necessary to discuss pre-conceptions existing in society. In this context, the general objective of the research is to propose guidelines that assist in the development of design projects for the education of boys considering a less sexist future. To obtain these guidelines, a bibliographic and documentary research was carried out, which brought up issues related to masculinity, feminism and design methodologies applicable to the subject. A questionnaire with fathers and mothers of boys, interviews with specialists and a workshop were conducted to determine the project guidelines, which are summarized in: educational projects for both children and their guardians; having early childhood as an audience; have a neutral language. Based on this, some initial ideas for future projects were proposed.

Keywords: Sexism; Gender; Education.

O feminismo, movimento que luta pelo fim das desigualdades entre homens e mulheres, nasceu no ocidente no século XIX, porém ganhou verdadeira visibilidade na virada do século, durante a luta para defender o direito da mulher ao voto. A sua segunda onda de grandes conquistas aconteceu no fim dos anos 1960, quando a discussão feminista ganhou espaço nas construções teóricas (LOURO, 2003). Os dados relacionados à violência contra a mulher são todos recentes, considerando que até pouco tempo atrás esse tipo de crime não existia com punição específica na justiça. Conforme site do Instituto Maria da Penha (2020), a lei n. 11.340/2006, que leva o nome da fundadora do instituto, foi sancionada somente no ano de 2006 e “representa o acesso à justiça e foi criada para garantir os direitos de milhares de mulheres vítimas de violência no País”.

De acordo com Gonçalves (2020), os números de denúncias recebidas pelo canal Ligue 180, do Ministério da Mulher, escalaram com o início da pandemia. No mês de março de 2020, o número de denúncias aumentou 17,9% em comparação com maio de 2019, e em abril, o crescimento foi de 37,6% em relação ao mesmo mês no ano anterior. Além do aumento no número de denúncias, os feminicídios no país também aumentaram 22,2% nos meses de março e abril, em relação ao mesmo período de 2019. Além desses dados alarmantes, tem-se também o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (BUENO & LIMA, 2019), produzido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que traz mais números importantes: em 2018, 263.067 mulheres sofreram e reportaram lesão corporal dolosa – violência doméstica. Conforme esse relatório, 88,8% dos feminicídios têm como autores o companheiro ou o ex-companheiro e 65,6% desses crimes ocorrem dentro das residências, caracterizando a ligação dos feminicídios com a violência doméstica.

Já falando de estupro, ainda utilizando os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (BUENO & LIMA, 2019), em 2018, 53.726 mulheres sofreram essa violência ou a tentativa dela. É importante ressaltar que os crimes sexuais estão entre os que são menos reportados, fazendo com que o número divulgado pela pesquisa seja inferior ao número real. Esse tipo de crime ainda carrega um grande preconceito em relação às vítimas, que muitas vezes não são acolhidas da maneira apropriada pelos órgãos públicos responsáveis e sofrem ainda mais agressões psicológicas no processo de denúncia. Esses altos números de violência doméstica e feminicídios são o reflexo de séculos de construção de uma sociedade machista, onde as produções de gênero sempre estiveram envolvidas com uma relação de poder, posicionando a todo o momento homens e mulheres em uma hierarquia (SEFFNER, 2011).

O determinismo biológico é, desde cedo, tomado como justificativa para as mais variadas práticas, quando o ideal seria cada criança se sentir acolhida e segura para experimentar e então distinguir o que é considerado correspondente para si. Atravessados pelos discursos repetitivos, os jovens vão se construindo como masculino ou feminino [...]. A discrepância de educação é tanta, que na vida adulta os medos são ridiculamente diferentes. O que as mulheres mais temem nos homens é que eles as matem. O contrário? Eles têm medo que elas riam deles (CEZAR, 2019, p. 88).

É importante desconstruir o “caráter permanente da oposição binária masculino-feminino” (LOURO, 2003, p. 30-31). Atualmente, entende-se que os gêneros são polarizados: tudo o que é masculino está de um lado e tudo o que é feminino está do outro. Desconstruir esse entendimento é perceber que o “masculino contém o feminino (de modo desviado,

postergado, reprimido) e vice-versa; implicaria também perceber que cada um desses pólos é internamente fragmentado e dividido" (LOURO, 2003, p.32).

Mesmo privilegiados em relação às minorias, como mulheres e gays, os homens também sofrem com ideias culturalmente desenvolvidas sobre o que eles devem ser. "Homem não chora", "Joga que nem homem!", "Vai chorar que nem menininha?". Como explica a Dra. Caroline Heldman, no documentário *A máscara em que você vive*, de 2015, disponível na Netflix, "A masculinidade não é orgânica, é reativa. Não é algo que se desenvolve sozinha. É uma rejeição de tudo o que é feminino." Essa rejeição de tudo o que é feminino começa desde a infância, como aponta o Dr. William Pollack, ainda no documentário *A máscara em que você vive*, quando explica que ser "o filhinho da mamãe" é pejorativo, significa que o menino não é homem o suficiente, mas ser "a garotinha do papai" não tem nada de errado.

Levando em consideração todas essas realidades, essa pesquisa se propõe, por meio de pesquisa bibliográfica e documental e levantamento de campo, utilizando as visões do Design para Inovação Social, Design para Mudança de Comportamento e Design Estratégico, a encontrar uma forma de auxiliar na educação dos meninos, para que se possa ter um futuro menos machista. A motivação para a realização de tal pesquisa é a realidade em que a pesquisadora vive, sendo uma mulher brasileira que sofre diariamente com os efeitos do machismo e enxerga outras mulheres passando pelas mesmas situações. Já existem diversas pesquisas realizadas no âmbito do feminismo, mas ainda em pouco número quando se tratando do outro lado do problema: os homens e a masculinidade. Pensando em seu futuro como uma mulher feminista que pretende ter filhos, e em todas as outras com o mesmo desejo, a autora deseja ser capaz de criá-los sem as pressões que as meninas e os meninos enfrentam para se encaixar nos padrões da sociedade considerados aceitáveis para um "homem" e uma "mulher", e deseja proporcionar essa oportunidade para outros pais. Deseja-se analisar como esses assuntos são tratados em ambiente familiar e escolar, para que as diretrizes de projeto de design propostas possam auxiliar na mudança do discurso.

Assim, o problema que norteia essa pesquisa traduz-se na seguinte questão: como o design pode auxiliar na educação de meninos para um futuro menos machista? Para atender a resposta desta pergunta, o objetivo geral do estudo é propor diretrizes que auxiliem no desenvolvimento de projetos de design para a educação de meninos considerando um futuro menos machista. Para alcançar o objetivo geral, os objetivos específicos articulam-se: 1 - Contextualizar a história do feminismo e as construções de gênero; 2 - Apresentar dados sobre as violências oriundas do machismo; 3 - Discutir sobre Design para Inovação Social, Design para Mudança de Comportamento e Design Estratégico; 4 - Aplicar questionários com pais e mães de meninos e com responsáveis de escolas de ensino fundamental.

A presente pesquisa, conforme Prodanov & Freitas (2013), pode ser classificada como aplicada, descritiva, de campo e qualitativa. Para coleta de dados foram utilizados um questionário geral, aplicado com mães e pais de meninos, e entrevistas com especialistas, que foram feitas com pedagogas, diretoras de escolas de ensino fundamental e coordenadora pedagógica. Além disso, mães de meninos participaram de um workshop, onde gerou-se as diretrizes de projeto da atual pesquisa. Feita a contextualização de todo o estudo, parte-se para as reflexões de fundamentação teórica, a começar no capítulo seguinte.

2 Feminismo: breve histórico

Falar da história do feminismo é complexo, por ele ser "um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano, e que não tem um ponto predeterminado de chegada."

(ALVEZ & PINTANGUY, 1981, p.7). Conforme as autoras exemplificam em sua obra, desde a época de Roma, em 195 D.C, quando mulheres protestaram em frente ao Senado pelos seus direitos de utilizar o transporte público, o ideal feminista já existia. Alvez e Pitanguy (1981) relatam que o feminismo só adquiriu características de movimento político organizado no século XVIII, durante a Revolução Francesa. As mulheres que fizeram parte dessa luta perceberam que os ideais de liberdade e igualdade não as englobariam, tendo que assim lutar por seus próprios direitos. Neste período, Olympe de Gouges, escritora, publica o texto intitulado Os Direitos da Mulher e da Cidadã, discurso que foi utilizado até o século XIX como base para o movimento sufragista (ALVEZ & PINTANGUY, 1981, p.36). No Brasil, o livro que, conforme a Universidade Livre Feminista (2020) foi o fundador do movimento no país, é uma obra de Nísia Floresta, publicada em 1832, chamada Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens.

O sufrágio feminino foi um movimento extenso que durou décadas ao longo dos séculos XIX e XX. Iniciado nos Estados Unidos, em 1848, “denuncia a exclusão da mulher da esfera pública, num momento em que há uma expansão do conceito liberal de cidadania abrangendo os homens negros e os destituídos de renda” (ALVEZ & PINTANGUY, 1981, p. 44). Neste país e na Inglaterra, essa luta foi caracterizada pelo movimento de massas, diferentemente do Brasil, onde as sufragistas utilizavam táticas de pressão e divulgação por meio da imprensa, com objetivo de influenciar a opinião pública. O voto feminino virou lei no Brasil em 1932, no governo de Getúlio Vargas (ALVEZ & PINTANGUY, 1981). Ainda falando de Brasil, a Universidade Livre Feminista (2020) traz como marco o Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879, que autoriza as mulheres a ingressarem nas Universidades, direito que anteriormente era conferido somente aos homens.

O feminismo atual se encontra mais na esfera acadêmica, dentro das discussões do papel da mulher e do homem na sociedade. Simone de Beauvoir foi uma pioneira nesses estudos, com seu livro O Segundo Sexo, onde “denuncia as raízes culturais da desigualdade sexual, contribuindo com uma análise profunda na qual trata de questões relativas à biologia, à psicanálise, ao materialismo histórico, aos mitos, à história, à educação” (ALVEZ & PINTANGUY, 1981, p. 52). Sobre o que o feminismo representa, Alvez e Pintanguy (1981, p.9-10) afirmam que este “busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades “femininas” e “masculinas” sejam atributos do ser humano em sua globalidade”. Assim, para entender melhor as questões em torno de masculinidade e identidade de gênero, detalhes serão discutidos no próximo capítulo.

3 Masculinidade e Identidade de Gênero

Conforme Machado (2000), o termo gênero vem sendo utilizado nos estudos feministas como uma categoria classificatória para falar das construções sociais que fundamentam as diferenças sexuais. Gênero representa a fluidez das construções de masculino e feminino, diferente do termo sexo, que fala sobre o sistema reprodutivo biológico. Estudar as identidades de gênero é “indagar e interrogar as formas da construção social e cultural do que, por muito tempo, foram as naturalizadas relações derivadas das diferenças de sexo” (MACHADO, 2000, p.6).

Louro (2003) defende que o sexo com o qual se nasce não define o quão femininos ou masculinos serão os indivíduos, mas sim as coisas que lhes são ensinadas sobre como o feminino e o masculino são representados e valorizados. Assim, para entender o papel do homem e da mulher na sociedade, é preciso ver não o sexo de cada um, mas as construções de

gênero associadas a eles. Tanto Louro (2003) quanto Machado (2000) falam da construção binária da sociedade ocidental, como masculino/feminino ou gênero/sexo, explicando que esse pensamento leva a crer que um polo não transpassa o outro, quando na realidade um contém o outro. Sobre isso, Louro (2003, p.48) ainda comenta que “aqueles homens que se afastam da forma de masculinidade hegemônica são considerados diferentes, são representados como o outro e, usualmente, experimentam práticas de discriminação ou subordinação”.

A masculinidade é associada ao homem. Cezar (2019), em sua interpretação da obra de Wolf (2018), explica que, utilizando-se de determinismos biológicos, a sociedade constrói a imagem ideal heterossexual entre as crianças desde muito cedo, obrigando-as a abandonar partes de si que não condizem com essas regras. “Um simples uso de esmalte em mãos destituídas de uma autorização de ordem sexual já mostra a fragilidade dessas constituições” (CEZAR, 2019, p.107). Cezar ainda ressalta que:

Repensaríamos o que está sendo ensinado com o consentimento dos adultos, ao naturalizar a brutalidade entre os meninos [...]. A simples demonstração de afeto entre amigos, e mesmo entre pais e filhos, já parece denunciar algo depreciativo. O que os estudos de gênero acarretariam se fosse algo mais discutido, seria a compreensão de que violência não é ‘coisa de menino’, é coisa de agressor, mas as alegações dos conservadores preferem entender que um comportamento vem pela sexualidade (CEZAR, 2019, p. 116).

Esses problemas de gênero trazem consequências para as mulheres, as quais são amplamente discutidas no movimento feminista, mas também causam problemas para os homens. No documentário *O silêncio dos Homens*, de 2019, disponível no YouTube, é feita uma reflexão sobre o seu papel na sociedade e as suas consequências. Eduardo Chakora, psicólogo e pesquisador do assunto, explica, nesse documentário, que os homens são ensinados a serem fortes e não sentimentais, fazendo com que a expressão de emoções seja vista de forma maléfica. Conforme dados da pesquisa feita para essa produção, apenas 3 em cada 10 homens costumam conversar sobre seus problemas. Ainda sobre sofrimento psíquico, Baére e Zanello (2020) explicam que esse silêncio e isolamento que fazem parte da identidade masculina de poder e força, atrelados ao distanciamento parental prematuro, ao ambiente agressivo e competitivo de suas rodas sociais e à constante necessidade de se manter no papel viril e provedor, podem culminar em tendências suicidas. O Boletim de Vigilância Epidemiológica de Suicídio e Tentativa de Suicídio, publicado pelo Centro Estadual de Vigilância em Saúde RS (2018), mostra que, quando se tratando desse ato, os homens o cometem em 79% das vezes.

Juntamente com esse aprisionamento das emoções vem o consumo de drogas. No III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira (BASTOS et.al 2017), 74,3% dos homens entrevistados consomem álcool regularmente ao longo de suas vidas em oposição a 59% de mulheres. A dependência masculina à substância também se deu 3,4 vezes mais frequentemente do que das mulheres, nos 12 meses anteriores ao levantamento. O consumo de álcool entre os homens também causa consequências no trânsito. “Aproximadamente 14% dos homens brasileiros de 12 a 65 anos dirigiram após consumir bebida alcoólica, nos 12 meses anteriores à entrevista. Já entre as mulheres esta estimativa foi de 1,8%” (p.152). Fazendo relação com as reflexões trazidas no documentário *O Silêncio dos Homens*, a necessidade de dirigir, independentemente de estar sóbrio ou não, está intimamente relacionada com a necessidade de provar o seu valor viril na sociedade.

Ainda conforme o documentário, desde pequenos, os meninos não tem exemplos de homens exercendo o cuidado, ou seja, seus professores são minoritariamente homens, os seus pais tem uma relação mais distante com eles do que suas mães etc, “não aprendendo a cuidar de si, dos outros ou do ambiente ao redor”. Todos esses aspectos de sofrimento levam ao lado do machismo mais conhecido, a violência, que se encontra mais presente na mídia, e que será abordado no capítulo seguinte.

4 Machismo e Violência

Conforme Muszkat (2006, p.9), “os homens são tanto os principais agentes quanto as principais vítimas de atos violentos”. Sendo assim, a autora levanta o questionamento sobre o porquê que esses homens, quando a violência ocorre no âmbito familiar, são excluídos e isolados, sendo que eles são parte do problema. Quando se fala das concepções criadas em cima do biológico, entende-se que os homens são mais fortes que as mulheres e essa compreensão contribui com a naturalização da violência e da agressividade. Os homens têm muitos privilégios e poderes na sociedade, mas esse papel vêm com muita dor e repressão, e isso não significa que as suas dores sejam iguais ou superiores às das mulheres que passam por opressões sistemáticas durante toda a sua vida, mas pode-se afirmar que essa imposição de masculinidade hegemônica traz um custo para toda a sociedade (MUSZKAT, 2006). Abaixo, são exemplificadas algumas das suas consequências.

4.1 Dados sobre a violência no Brasil

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública (BUENO E LIMA, 2019) mostra os números de violência contra a mulher de forma esmiuçada. Conforme esse anuário, em 2018, 1.206 mulheres morreram por feminicídio, e 88,8% delas foram assassinadas por seus companheiros ou ex-companheiros. Outro dado importante é que 65,6% delas morreram dentro de casa. Quando se fala em violência doméstica, 263.067 mulheres registraram Lesão Corporal Dolosa - violência doméstica, em 2018, sendo aqui importante ressaltar que esses números são apenas das denúncias oficiais. No mesmo ano, 66.041 estupros e 7.288 tentativas de estupro foram denunciados, sendo que dessas vítimas 81,8% eram do sexo feminino e 63,8% eram vulneráveis. Quando se tratando de estupro de vulnerável, a publicação informa que em 75,9% dos casos o estupro é cometido por um conhecido e que 96,3% dos estupros e estupros de vulnerável são cometidos por homens. Esse tipo de crime é um dos menos reportados no Brasil, ou seja, os números reais podem ser muito maiores (BUENO E LIMA, 2019).

De acordo com a nota técnica sobre a violência doméstica durante a pandemia, também divulgada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019), as mulheres que já se encontravam em situação de violência doméstica antes do isolamento social, estão sofrendo mais com seu agressor em casa. Ainda seguindo essa lógica, o número de denúncias e ligações para o Ligue 180 diminuiu, sendo que essas mulheres não conseguem sair de casa ou discar o 180 sem que o agressor esteja por perto. Em contrapartida, os atendimentos de violência doméstica feitos pela PM através do 180 aumentaram, assim como os feminicídios.

Tendo todos esses dados em vista, é importante refletir sobre o fato de que a violência gerada pela sociedade machista não afeta apenas as mulheres. Conforme o Atlas da Violência (CERQUEIRA & BUENO, 2019), as vítimas de homicídios no Brasil são, em 91,8% dos casos, homens, e tem sido assim pelos últimos 30 anos. Além disso, a violência está ligada à juventude masculina, sendo que o pico de idade dos homicídios se dá aos 21 anos de idade.

“Por outro lado, as chances relativas (em relação ao homem) de a mulher ser assassinada na infância ou nas idades mais avançadas é maior, o que possivelmente reflete a questão da violência passional e da misoginia ainda presentes na sociedade brasileira” (CERQUEIRA & BUENO, 2019, p.70). Contextualizadas as principais questões relacionadas ao machismo, é importante seguir no texto com as reflexões específicas que a visão do Design pode trazer ao encontro da temática.

5 O Design inserido no contexto de mudanças comportamentais

Mota e Costa (2016, p.1733) salientam que sendo “produtos, serviços ou ambientes, os artefatos têm implicações sobre a maneira como as pessoas pensam e interagem em seus contextos”. Refletindo sobre isso, afirmam que o design não tem como finalidade apenas a criação de produtos, mas sim de interferir nas culturas e na maneira como as sociedades se estruturam. Ainda na perspectiva dos autores, os designers e pesquisadores, enxergando a necessidade de entender melhor as motivações dos usuários para projetar produtos com maior chance de influenciar o comportamento, começaram a se aproximar da área da psicologia, “proporcionando a emergência de um amplo espectro de abordagens reconhecido como design para mudança de comportamento” (MOTA & COSTA, 2016, p.1733). Mota e Costa (2016, p.1733) explicam que “o propósito deste campo consiste na compreensão mais apurada das motivações e desejos dos indivíduos e na tradução deste conhecimento em estratégias para estimular atitudes em benefício social e ambiental”, visão que será utilizada na atual pesquisa, já que esta visa encontrar maneiras de educar os meninos para um futuro menos machista.

Ainda falando do design para mudança de comportamento, os autores afirmam que essa área necessita ser embasada nas teorias da psicologia, ser focada no usuário – entendendo por que ele faz o que faz, e como faz – e ter um designer consciente das consequências éticas da criação de produtos ou serviços que modifiquem comportamentos sociais.

Já sobre o Design para Inovação Social, Chaves e Fonseca (2016, p.131) relatam que é “uma abordagem relativamente recente do design para a sustentabilidade, que trata de iniciativas de comunidades criativas que possam levar a uma descontinuidade dos padrões atuais de produção e consumo”. Quando se pontua sustentabilidade, não se refere somente ao plano ambiental, mas ao econômico e também social, ou seja, auto sustentar-se. Falando sobre as teorias de Manzini, os autores explicam que existem dois tipos de inovação: a incremental e a radical, onde a primeira significa melhorar algo já existente e a segunda é uma ruptura de tudo o que já existe, sendo essa o objetivo do design para inovação social. Os autores ainda mencionam a importância dos Sistemas Produto-Serviço, que englobam soluções que não requerem somente a criação de um novo produto, reduzindo assim a produção de novos objetos sem que estejam integrados a sistemas completos e complexos.

Nesse contexto de sistemas, refere-se à abordagem do Design Estratégico, à qual Castro e Cardoso (2010) apresentam a visão de Teixeira (2005), de que essa ramificação do campo apareceu entre os anos 1960 e 1970, quando o marketing começou a influenciar o trabalho do designer. Além disso, explicam que esse pensamento se espalhou pelas empresas “por meio de um gerenciamento voltado para a identificação, diagnóstico e resolução de questões de negócio” (p. 69). Sobre o funcionamento dessa vertente, os autores explicam as definições de Minstzberg (2000), inter-relacionadas com a estratégia:

A noção descrita como plano corresponde a um entendimento bastante difundido, segundo o qual estratégias podem ser consideradas como

diretrizes para percursos traçados para atingir determinados objetivos: direção, guia ou curso de ação para o futuro. A noção de padrão parte do princípio de que a estratégia emerge da consistência de comportamento criado por uma série de decisões no passado sendo, portanto, uma estratégia realizada. A noção de posicionamento situa a estratégia em um meio e a coloca como resultado de direcionamentos ou padrões de comportamento de mercado. O olhar é para fora. Dentro da noção de perspectiva, a estratégia reflete uma visão do mundo, a cultura e ideologia da organização, voltando seu olhar para dentro. Por sua vez, a noção de truque equivale a uma ou mais manobras específicas para atingir um objetivo, em geral como reação a uma ameaça (CASTRO E CARDOSO, 2010, p.70).

Conforme Scherdién (2014), o design estratégico surgiu com a necessidade das empresas em inovar, tirando o design do lugar técnico e extremamente ligado às fábricas e trazendo-o para mais perto das áreas administrativas. Nessa abordagem, o andamento do processo projetual ganha papel especial, permitindo distintos cenários de resoluções ao invés de focar em uma solução, resultando assim, em uma formação de sentido mais completa. Essa metodologia é chamada de metaprojeto, que não é apenas um projeto antes do projeto, mas sim “uma plataforma de conhecimentos e também de um processo de reflexão contínua sobre o projeto” (p.46). A primeira se dá em forma de pesquisas constantes dentro e fora do assunto, buscando explorar de todos os ângulos o problema complexo e amplo e a segunda se têm em forma de compromisso constante com a não-acomodação do projeto (SCHERDIEN, 2014). Por meio dessa abordagem, pode-se não apenas projetar um produto que impacte na educação dos meninos, mas também formular estratégias, diretrizes projetuais e sistemas para que essas novas ideias sejam incluídas no dia a dia das famílias e escolas, utilizando as diversas áreas do design.

6 Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa, conforme Prodanov & Freitas (2013), pode ser classificada como aplicada, em relação à sua natureza; descritiva, em relação aos objetivos; de campo, em relação aos procedimentos técnicos; e qualitativa, em relação à forma de abordagem do problema. Para coleta de dados, foram utilizados dois métodos: questionário geral e entrevista com especialistas. O questionário foi aplicado de forma online, por conta do distanciamento social – consequência da pandemia do Coronavírus – utilizando a ferramenta *Google Forms*, sendo direcionado para pais e mães de meninos de qualquer idade, visando investigar as suas visões em relação aos seus filhos. As entrevistas com os especialistas foram direcionadas para diretoras ou vice-diretoras, pedagogas ou profissionais com atuação semelhante de escolas de ensino fundamental. O meio pelo qual se deu as entrevistas foi escolhido conforme a preferência das entrevistadas, como ligações, chamadas de vídeo e e-mails.

O artigo contempla também uma etapa de metaprojeto, oriunda do Design Estratégico, que se trata de metodologia projetual, na qual se realizou um workshop com mães de meninos. As diretrizes de projeto foram resultantes das análises desta atividade de workshop, mas também considerando todas as informações levantadas nos questionários e entrevistas. Essa abordagem foi escolhida por permitir um processo mais amplo de investigação e possuir ferramentas como o metaprojeto, que possibilita o desenvolvimento de discussões mais ricas.

7 Resultados e Discussões

Este capítulo trata da exposição dos resultados obtidos do questionário com pais e mães de meninos, das entrevistas com especialistas e do workshop realizado com mães de meninos, e visa debater esses dados com o auxílio de autores relacionados ao assunto.

7.1 Questionário geral

Conforme explicado na seção de metodologia, um dos meios de coleta de dados utilizado nesta pesquisa foi um questionário aplicado com pais e mães de meninos. Esse questionário obteve respostas de 59 participantes, sendo 74,6% mães e 25,4% pais, tendo, em sua grande maioria, de 31 a 50 anos, e seus filhos, menos de 10 anos de idade. O desequilíbrio entre o número de pais e mães que responderam a esta pesquisa pode ser um indicativo do envolvimento e interesse em relação à vida e educação do filho. Louro (2003) descreve que as tarefas domésticas, como cuidar da casa e dos filhos, são tidas como “naturais” no mundo feminino, argumento sustentado por supostas inclinações biológicas da mãe, como o cuidado. Refletindo sobre isso, a dificuldade em obter respostas de pais pode ter sua raiz no machismo, no qual quem cuida e se interessa pelos filhos são as mães.

Quando perguntados sobre qual foi a primeira coisa que fizeram quando ficaram sabendo o sexo do bebê, a maioria respondeu de maneira simples como “fiquei feliz” ou “contei para a família”, mas 3 mães responderam que se sentiram aliviadas por terem filhos homens, 6 entrevistados responderam coisas relacionadas com customizar o ambiente e as roupas do bebê como “de menino”, e 1 mãe respondeu com a seguinte frase: “Pensei: graças a Deus, menos uma menina pra sofrer na terra!”. Foi possível notar que o comportamento de alívio vem das mães, possivelmente por entender os custos de ser mulher, e o comportamento de estereotipar os quartos e roupas vem de ambos. Conforme explica Machado (2000), por muito tempo os comportamentos tidos como femininos e masculinos foram ligados ao sexo da pessoa, ao seu aparelho reprodutor biológico, e mesmo com os estudos de gênero sendo desenvolvidos no ramo acadêmico, ainda restam muitas construções em relação ao sexo na sociedade. Nader e Caminoti (2014) teorizam sobre isso, explicando que “a construção da masculinidade inicia-se já durante a gestação, quando os pais começam a imaginar como será a criança baseada em seu sexo.”

Essa questão do estereótipo apareceu também em outras perguntas, como quando questionados sobre as cores que rodeiam o universo do filho, tendo o azul, o preto e o verde como as cores mais escolhidas e o rosa e roxo como as menos escolhidas. A mesma coisa aconteceu quando perguntados sobre os brinquedos e brincadeiras preferidas do filho, tendo videogame, super-herói, bola, bicicleta e esportes como as mais escolhidas e boneca e escolinha como as menos escolhidas. Pensando sobre essas brincadeiras, pode-se trazer aqui as discussões exploradas no documentário *O Silêncio dos Homens*, já citado nesse artigo, que expõem o fato de que os meninos não são ensinados a cuidar e serem passivos como as meninas, mas sim a utilizar a violência e a competitividade em suas vidas, tendo como estímulos os videogames violentos, por exemplo.

Quando perguntados sobre como se consideravam, pais flexíveis ou conservadores, 79,7% responderam que se consideram flexíveis, mas quando perguntados sobre o que eles fariam se o filho decidisse usar maquiagem, 22 entrevistados demonstraram desconforto com a suposta escolha, com respostas como “Deixa para as meninas para se maquiá”, “Depende da situação. Mas eu diria que acho estranho um menino usar maquiagem. Numa apresentação, tudo bem. Mas no dia a dia eu diria que não acho legal”. As respostas mais incisivas vieram de dois pais, que falariam para o filho “vai tomar vergonha na cara” e “ta louco?”. Quase metade das respostas que demonstraram desconforto vieram acompanhadas de uma preocupação com as

repercussões dessa decisão, como declara essa mãe: “Diria que era pra ele pensar bem, pois lá fora o preconceito é grande ainda com relação aos homens se maquiarem”.

Outra questão a ser analisada é a do choro entre os meninos. A maioria dos entrevistados responderam que quando seus filhos choram, eles os acolhem e tentam entender a situação. Esse tipo de resposta é predominante entre os pais e mães de meninos com menos de 10 anos, quando ainda são considerados crianças. Quando falando de seu filho adolescente, entretanto, um pai respondeu: “Depende da situação, o choro deve ser uma motivação de emoção e não de fraqueza”. Na perspectiva de Nader e Caminoti (2014) isso se dá pois à medida que o menino cresce ele deve aprender a ser homem, abrindo mão de demonstrações emocionais.

Sobre a educação sexual, foram dadas algumas opções de discurso para os entrevistados escolherem aquela que mais se encaixava com o utilizado em sua casa. Trinta respostas foram direcionadas para opções ligadas à explicação da reprodução e do ato sexual entre homem e mulher, diferenciando a forma de explicação (mais metafórica ou mais realista), dependendo da idade da criança. Já 22 entrevistados escolheram a opção que falava mais abertamente sobre sexualidades e respeito. Foucault (1988, p. 11) salienta que “há dezenas de anos que nós só falamos de sexo fazendo pose”, o que resulta em opressões, fazendo com que a sexualidade se torne um tabu. Sobre o sexo no mundo masculino, Nader e Caminoti (2014) sugerem que este é “parte considerável da construção e do exercício da masculinidade”, sendo que assim que saem da infância os meninos começam a ser estimulados a praticar o sexo com mulheres, seja pela família, seja por seu círculo social, sendo ensinados de que como homens, devem ser “carregados de pulsão sexual”.

Chegando na discussão sobre como os entrevistados ensinam os filhos a respeitar as meninas, algumas respostas chamaram atenção, como “digo que elas são delicadas, que precisa cuidar das meninas!”, “são princesas” e “respeitando-as e sendo cavalheiro”. Esse tipo de comportamento estimula os meninos a enxergarem as mulheres e a feminilidade como fraqueza. Seffner (2011, p. 41) assinala que “a produção de identidades de gênero e sexuais está diretamente envolvida com relações de poder na sociedade, que a todo o momento posicionam homens e mulheres numa hierarquia.”

Ainda sobre o questionário, na parte de investigação das relações de pais e mães com os filhos aos olhos do entrevistado, 9 mães responderam algo de negativo, como “na minha opinião, acho o pai muito fechado, sem abertura nenhuma, por mais que o meu filho tente aproximação”. Sobre essa relação, Nader e Caminoti (2014) afirmam que à medida que o menino cresce, o vínculo com sua mãe se torna mais distante e ele começa a buscar no pai o exemplo de comportamento e conduta masculina. Quando um pai é ausente ou distante, ou ainda exemplifica comportamentos machistas, é provável que seu filho comece a imitar seus atos. Um pai afirma nessa pergunta que a relação de seu filho com a mãe é “uma relação que é boa porém ainda de muita dependência. Tem potencial de melhora”, afirmação que parte da crença de que ser “filhinho de mamãe” é uma coisa negativa, ou seja, se sentir conectado à uma mulher é sinônimo de fraqueza, conforme explica Dr. William Pollack, no documentário A máscara em que você vive, já citado neste artigo. Após o questionário com pais e mães, foram feitas entrevistas com especialistas, que serão discutidas no próximo subcapítulo.

7.2 Entrevistas com especialistas

As entrevistas foram realizadas com duas psicopedagogas, uma diretora de escola e uma coordenadora pedagógica, todas com mais de 20 anos na profissão. Quando perguntadas sobre como a educação sexual é abordada na escola, todas elas responderam que ela faz parte da grade curricular da disciplina de biologia para os alunos maiores, e que são esses professores que se encarregam deste assunto. Uma delas explicou que, caso o professor decida entrar em assuntos relacionados, como a identidade de gênero, seria uma atitude própria. Uma das entrevistadas ressalta que, com crianças pequenas, abaixo da quinta série, esse assunto também é tratado, mas de forma mais lúdica. A entrevistada, que é diretora de escola de ensino fundamental, explica que em instituições públicas a questão da religião ainda é um ponto de sensibilidade na hora da educação sexual, e que por isso os educadores tinham que ter cuidado com a forma que iriam ensinar as crianças. Ela afirma, também, que mantinham horas especiais para falar desse assunto de forma mais direcionada com crianças entre 10 e 11 anos.

Sobre as discussões de problemas de gênero, elas responderam que era tratando “quando necessário”. Possivelmente, essa discussão era trazida para a sala de aula quando notava-se que algum aluno estava passando por discriminações por conta do seu jeito de ser ou da sua opção sexual. A coordenadora pedagógica entrevistada explica que essa questão é ainda mais recente que a educação sexual e ainda gera certas resistências nas comunidades escolares. Ela aponta que trazer essa discussão para a sala de aula era, geralmente, iniciativa do próprio professor, e a maneira como esse assunto era abordado dependia do ponto de vista dele. Acrescenta, ainda, que eram geralmente em forma de debates sobre filmes ou textos.

Falando de violência, uma das pedagogas afirma que “em se tratando de escolas, estas situações sempre irão ocorrer”. Explica, ainda, que o diálogo é o método utilizado para a resolução dos conflitos, e que caso o conflito se escale para, por exemplo, uma turma inteira, a intervenção acontece se revendo a abordagem com as crianças. Todas as entrevistadas relatam que, dependendo da gravidade do ato de violência, os pais são chamados à escola. Ainda sobre violência, a coordenadora pedagógica explica que no início de sua carreira, quando uma menina provocava o ato de violência, ela era repreendida com frases como “isso não é coisa de menina”, e reflete “e o que tem por trás disso, né? significa que menino pode bater em menino”, mas assinala que hoje em dia o jeito de abordar a violência com ambos os sexos mudou, sendo mais direcionada para achar a raiz do problema e ajudar a criança a entender os seus sentimentos e as consequências de seus atos.

Quando perguntadas sobre as ofensas verbais deferidas por meninos, elas explicam que com alunos mais velhos o procedimento é o mesmo citado acima, como qualquer outra violência, mas quando se tratando de alunos mais novos, muitas vezes a criança não entende o que a palavra significa e como pode machucar o outro. Uma das pedagogas afirma que “as ofensas verbais ocorrem constantemente, principalmente quando é usual na família”, ideia apoiada pelas outras entrevistadas. Sobre a questão acerca da existência de programas especiais para abordar os temas do feminismo e da desconstrução do machismo, três responderam que não existiam. Uma das entrevistadas afirmou que em sua escola existe um programa movimentado pelo grêmio estudantil, ou seja, pelos próprios alunos, promovendo oficinas de debates onde cada um pode expressar suas opiniões e dar ideias de como fomentar o assunto dentro da comunidade escolar.

A coordenadora pedagógica entrevistada para esse trabalho diz que lamenta que esses assuntos – de gênero, feminismo e machismo – demoraram tanto tempo para chegarem nas escolas, e que mesmo agora, ainda são abordados de forma defasada. Após reunir os dados coletados no questionário e nas entrevistas, o próximo capítulo deste artigo trará as discussões feitas no workshop.

7.3 Workshop

Os workshops, utilizados amplamente no campo do Design, são ferramentas de projeto que podem se desdobrar de diversas maneiras. Quando se tratando do Design Estratégico, eles são utilizados no desenvolvimento do metaprojeto para obter visões multidisciplinares do problema. “Considera-se que o ambiente de workshop pode ser formado por qualquer pessoa que possua a qualificação desejada para solucionar os problemas que estão sendo abordados e trabalhar em equipe” (SCHERDIEN, 2014, p. 80), e por isso os escolhidos para participar da atividade foram quatro mães de meninos, sendo duas delas estudantes de design e uma, formada na área. Este workshop foi feito com o objetivo de lançar ideias, para que desse material criativo fossem retiradas as diretrizes de projeto que servirão como base para trabalhos futuros na área do Design. Com duração de aproximadamente duas horas, o workshop ocorreu da seguinte forma: primeiramente, foram feitas as apresentações entre as participantes; depois foi lhes apresentado um resumo da pesquisa bibliográfica e dos resultados dos questionários e entrevistas aplicados; por último, foi realizada uma conversa ampla para a exposição de ideias de projeto.

A partir dessa conversa, foi possível destacar três diretrizes principais de projeto e gerar alternativas que poderão servir de início para desenvolvimentos na área do Design. A primeira diretriz de projeto é a de que o resultado projetual **deve ser educativo tanto para as crianças quanto para os pais ou avós**, pois quem adquire os brinquedos ou decide a quais meios de comunicação e projetos a criança terá acesso são os guardiões. Outra questão levantada no workshop é que seria importante que os projetos desenvolvidos fossem destinados para a **educação na primeira infância**, pois depois que a criança aprende um conceito, é difícil mudar a sua concepção acerca do assunto, conforme explica uma das participantes: “quando meu filho tinha dois anos de idade, ele passou um ano morando com os avós que, mesmo com a minha presença constante, ensinaram coisas machistas para ele e até hoje estamos tentando reverter essas ideias na cabeça dele”. O filho dessa mãe tem oito anos de idade. A terceira diretriz está conectada com a primeira e se trata de ter um **cuidado especial com a linguagem acerca do projeto**, para que possa alcançar o público de pais e avós sem gerar conflito, ou seja, a educação deve ser trazida de forma indireta, sem utilizar termos que são considerados polêmicos atualmente por parte de pessoas que se consideram conservadoras, como “feminismo” ou “gênero”.

Apoiadas nessas diretrizes, foram geradas alternativas preliminares de soluções como forma de confirmação das diretrizes e que também poderão servir de base para projetos futuros:

- Subverter brinquedos que são considerados “de menina” para “de menino”, utilizando as cores.
- Manuais para os pais que visam se reeducar no assunto, com dicas de leitura.
- Brinquedos que ensinam a educação emocional. Eles poderiam ser “unissex”, ou seja, não geraria conflitos com as ideias pré-definidas dos pais em relação ao gênero da criança e ainda assim traria um conhecimento emocional para os meninos.
- Brinquedos que proporcionem o livre brincar. Eles poderiam vir acompanhados de um manual para os pais explicando que a criança deveria descobrir como brincar com o item sozinha.
- Livros com histórias onde os super-heróis que o menino admira demonstram emoções e mostram fragilidade. Ou nos quais os personagens da narrativa praticam ações consideradas masculinas, como trocar o pneu de um carro, e no fim do livro este personagem será uma mulher da realidade do menino, como a mãe. Ou invertendo os

papéis, colocando o personagem a praticar ações “femininas”, e no fim da história revelar que era um homem.

Por fim, considera-se que muitas outras possibilidades projetuais podem ser extraídas das diretrizes apontadas, de acordo com a temática base. Sendo assim, direciona-se para as considerações finais deste artigo.

8 Considerações Finais

Esta pesquisa buscou, através de pesquisa bibliográfica e documental sobre feminismo, masculinidade, identidade de gênero e a relação de violência e machismo, e por meio de um questionário com pais e mães de meninos, entrevistas com especialistas da área pedagógica e um workshop – utilizando as visões do Design para Inovação Social, Design para Mudança de Comportamento e Design Estratégico –, encontrar uma forma de auxiliar na educação dos meninos para que se possa ter um futuro menos machista. Através do questionário com pais e mães de meninos, foi possível entender como a reprodução dos estereótipos de gênero acontecem dentro dos lares e, através das entrevistas com especialistas, tornou-se possível perceber os desafios que as escolas encontram nesse assunto. As conclusões tiradas dessas análises serviram de base para o workshop, que gerou as três diretrizes de projeto que servirão para futuros desenvolvimentos na área.

Sobre os objetivos específicos, todos foram alcançados, da mesma forma que o objetivo geral. A pergunta que norteia esse projeto foi respondida, tendo-se identificado maneiras, através das diretrizes de projeto, que o design pode auxiliar na educação de meninos para um futuro menos machista. Em adição a essas diretrizes, no workshop realizado, também foram exploradas algumas ideias de propostas de design.

Durante a construção deste artigo, a autora pôde explorar o assunto das construções de gênero e perceber que mesmo em suas próprias vivências acaba por reproduzir pré concepções, as quais lhe foram ensinadas ao longo de sua vida. A partir deste trabalho, poderá refletir sobre suas próprias ações e buscar um comportamento cada vez mais próximo ao que considera ideal. Além disso, a autora pôde perceber que algumas de suas expectativas em relação às pesquisas de campo eram não condizentes com a realidade. Esperava, por exemplo, que todos os pais que responderam a pesquisa seriam mais preconceituosos do que as mães, mas algumas exceções surpreenderam. Quando perguntados sobre o que diriam para os filhos se eles decidessem usar maquiagem, um número significativo dos pais se posicionou de forma a apoiar essa decisão. Além disso, a autora percebeu, por meio do questionário, que todos os pais querem que seus filhos sejam felizes, porém cada um tem a sua ideia de como isso pode ser alcançado.

A base exploratória desta pesquisa evidencia como o design pode auxiliar na solução de problemas sociais, assim como mudar o comportamento de sociedades através de produtos, serviços ou estratégias. As diretrizes resultantes servirão como guias, mas poderão sofrer alterações para que se encaixem ao máximo no projeto de design desenvolvido a partir delas, para que este possa afetar o público-alvo na maior amplitude possível. Esta pesquisa apresentou um desafio para os projetos que o seguirão, tendo como missão buscar amenizar a realidade machista na sociedade, educando os meninos, não só para que eles consigam se tornar homens mais felizes, como para diminuir a situação de violência doméstica existente hoje.

Referências

A MÁSCARA em que você vive. Direção de Jennifer Siebel Newsom. Estados Unidos da América: The Representation Project, 2015. Disponível na plataforma de streaming Netflix (97 min.).

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo?** São Paulo: Brasiliense, 1981. 77 p.

BAÉRE, Felipe de; ZANELLO, Valeska. **Suicídio e Masculinidades:** uma análise por meio do gênero e das sexualidades. IN: Psicologia em Estudo. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2020.

BASTOS, Francisco Inácio Pinkusfeld Monteiro et al (Org). **III Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ICICT, 2017. 528 p.

BITTAR, Paula. **Lei do feminicídio faz 5 anos.** Câmara dos Deputados, 2020. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/643729-lei-do-feminicidio-faz-cinco-anos/>>. Acesso em: 03 out. 2020, 15:23:00.

BUENO, Samira; LIMA, Renato Sérgio de (Coord). **Anuário Brasileiro de Segurança Pública.** 2019. 206 p.

CASTRO, Maria Luiza Almeida Cunha de; CARDOSO, Juliana. **Estratégia e design:** construção das abordagens contemporâneas. IN: Strategic Design Research Journal. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2010.

CENTRO ESTADUAL DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE. **Boletim de Vigilância Epidemiológica de Suicídio e Tentativa de Suicídio.** 2018. 8 p.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (Coord). **Atlas da violência 2019.** Brasília - Rio de Janeiro - São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. 116 p.

CEZAR, Marina Seibert. **Moda e gênero:** corpo político, cultura material e convenções na construção da aparência. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2019. 168 p.

CHAVES, Liliane Iten; FONSECA, Ken Flavio Ono. **Design para inovação social:** uma experiência para inclusão do tema como atividade disciplinar. IN: DA Pesquisa. Santa Catarina, 2016.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (Org). **Dicionário Crítico de Gênero.** Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. 748 p.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência Doméstica durante a Pandemia de Covid-19,** 2020. 17 p.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I:** a vontade de saber. 13 ed. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1988.

GONÇALVES, Bárbara. **Nos 16 anos da lei contra violência doméstica, Congresso reforça proteção à mulher.** Senado Federal, 2020. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/06/15/nos-16-anos-da-lei-contra-violencia-domestica-congresso-reforca-protacao-a-mulher/>>. Acesso em: 30 ago. 2020, 14:15:00.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. Fundado em 2009. Disponível em: <<https://www.institutomariadapenha.org.br>>. Acesso em: 10 ago. 2020, 19:00.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 184 p.

MACHADO, Lia Zonatta. **Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo.** Brasília, DF, 2000. 20 p.

MOTA, Juliana Gonçalves; COSTA, Filipe Campelo Xavier da. **Design para mudança de comportamento: uma revisão crítica.** IN: Anais do P&D Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. Belo Horizonte, MG, 2016.

MUSZKAT, Susana. **Violência e masculinidade: uma contribuição psicanalítica aos estudos de gênero.** São Paulo, 2006. 207 p.

NADER, Maria Beatriz; CAMINOTI, Jacqueline Medeiros. **Gênero e poder: a construção da masculinidade e o exercício do poder na esfera doméstica.** IN: Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e Práticas Científicas. Rio de Janeiro, RJ, 2014.

O SILENCIO dos homens. Direção de Ian Leite de Castro e Luiza de Castro. Brasil: Papo de Homem e Instituto PdH, 2019. Disponível no Youtube em: <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE&vl=pt&ab_channel=PapodeHomem> (60 min.). Acesso em: 04 set. 2020, 21:15.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2 ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

SCHERDIEN, Ingrid. **O livro e novas práticas de leitura: proposição de diretrizes projetuais sob a perspectiva do design estratégico.** São Leopoldo, RS: Universidade do Vale dos Sinos, 2014.

SEFFNER, Fernando. Identidade de gênero, orientação sexual e vulnerabilidade social: pensando algumas situações brasileiras. IN: VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma (Org.). **Diversidade sexual e homofobia no Brasil.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

UNIVERSIDADE LIVRE FEMINISTA. Criado em 2009. Disponível em: <<https://feminismo.org.br/historia/>>. Acesso em: 06 out. 2020, 20:18:13.